

## RELATO ETNOGRÁFICO: METODOLOGIA DIALOGADA COMO CONSTRUÇÃO DO INDIVÍDUO NA SOCIEDADE<sup>1</sup>

Olávia Fernandes<sup>2</sup>  
Emily Macedo dos Santos<sup>3</sup>

### RESUMO

O presente artigo é um relato etnográfico que é fruto de uma pesquisa realizada durante a fase de observação a uma aula de campo<sup>4</sup>, a qual integrou o componente curricular de Antropologia da Educação. Os alunos, juntamente com a docente do componente curricular de Antropologia da Educação, promoveram uma visita a uma escola, de iniciais N.S.C, localizada na cidade de Bananeiras, região do Brejo paraibano. Este trabalho fundamentou-se na parte prática do referido componente, assim, pudemos observar a estrutura institucional, suas normas, regras e a metodologia utilizada no âmbito escolar. Mediante a observação, conhecemos a parte organizacional, os funcionários, os educadores e a maneira como eles interagem entre si. Essa visita de caráter etnográfico nos possibilitou relacionarmos a teoria, que embasa a antropologia e a educação, com a prática que estávamos vivenciando em sala de aula. Com isso, foi possível compararmos a metodologia utilizada na escola de Bananeiras e a didática que rege o ensino regular. Este estudo surgiu a partir da identificação da necessidade da prática de novas metodologias que venham a desconstruir as normas educacionais, estabelecidas como padrão normativo, que regem a instituição escolar. Assim, este relato etnográfico tem por objetivo evidenciar as lacunas identificadas no que concerne ao acolhimento de cidadãos estudantes na primeira fase de aprendizado e que apresentam um baixo rendimento escolar. Para tanto, utilizou-se a metodologia da observação participativa. Para o embasamento teórico, foram utilizados o conceito de educação, a partir de Tosta (2011), que investiga a forma como a educação acontece em cada indivíduo; e também recorremos a Freire (1996), o qual admite uma metodologia de ensino através dos saberes dos indivíduos desenvolvidos na sociedade. Observamos que o acompanhamento por parte dos educadores deve observar as relações sociais dos/as estudantes no cotidiano escolar, refletindo sobre as dificuldades vivenciadas por eles/as e as consequências na vida escolar desses/as jovens. Para a coleta dos dados, fizemos uso da metodologia da observação participativa, a qual foi realizada no ambiente escolar, na cidade de Bananeiras, durante uma aula de campo. A escola N.S.C está localizada na área rural de Bananeiras na Paraíba. A instituição atende a 18 comunidades próximas, porém, não tem suporte para receber toda a demanda de matrículas solicitadas. A capacidade máxima é de 270 alunos e há uma lista de 100 crianças à espera de uma vaga para estudar nessa escola. Possivelmente, essa lista de espera se dê pelo interesse dos pais em favorecer a seus filhos a oportunidade deles experienciarem uma metodologia diferenciada, já que a escola trabalha a partir da realização de projetos que visam a uma aprendizagem mais livre. No ambiente é possível perceber as crianças no pátio convivendo

<sup>1</sup> Esta pesquisa foi desenvolvida no componente curricular “Antropologia da Educação”, no curso de Sociologia da Universidade Estadual da Paraíba. A pesquisa foi dirigida pela professora e antropóloga Cristiane Maria Nepomuceno, lotada no Departamento de Ciências Sociais da UEPB, [crismarianepomuceno@hotmail.com](mailto:crismarianepomuceno@hotmail.com);

<sup>2</sup> Estudante de Sociologia na Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, [olavia.fernandes@gmail.com](mailto:olavia.fernandes@gmail.com);

<sup>3</sup> Estudante de Sociologia na Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, [emimacedo970@gmail.com](mailto:emimacedo970@gmail.com);

<sup>4</sup> Aula de campo organizada pelos professores Raniere Ferreira Torres, Sylvania Karla F. Lima e Cristiane Maria Nepomuceno.

com as outras, naturalmente. No espaço não se nota distinção de classes sociais ou qualquer outro tipo de “padrão” criado socialmente, que segrega os indivíduos, inclusive, crianças. Outro fator perceptível é o modo como os/as alunos/as se comportam. As crianças são disciplinadas, ou seja, os/as alunos/as que ali estudam estão cientes do cumprimento de seus deveres e ao mesmo tempo têm liberdade, mas sempre respeitando os limites para a prática de suas ações. Ao observar esse cenário, não queremos com isso afirmar que o modelo estrutural da escola atual esteja errado, precisamos de um lugar específico para a produção intelectual/científica, mas, referimo-nos à parte prática que não envolve somente a parte racional. Segundo Tosta (2011), o que faz de nós seres humanos não é somente nossa capacidade de racionar, mas também nossa capacidade de aprender. Conforme a estudiosa, essa capacidade de aprender não está atrelada à sala de aula. O aprendizado está em todo lugar, em qualquer pessoa, ou seja, o/a aluno/a quando chega à escola já traz uma bagagem de conhecimento cultural, de sua família com seus costumes e das interações sociais de seu lugar de origem. Assim, a proposta de aprendizado humanizado deveria começar respeitando o lugar de fala de cada indivíduo, visto que isso também é um importante fator de aprendizagem entre os indivíduos. Constatamos que o projeto educativo da escola teve início em 2005, na modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA), com o objetivo de alfabetizar os adultos da região. Inicialmente, esse projeto foi instituído por freiras, mas houve um redirecionamento de objetivo institucional, o que ocasionou a saída das freiras que estavam à frente do projeto. A estrutura física permaneceu, e por suas matrizes religiosas a escola é voltada, em todos os ambientes, para a religião católica, até mesmo as salas têm nomes de membros religiosos. As portas da escola se mantiveram abertas ao ensino com a ajuda dos maristas e da Secretaria da Educação Continuada, que são os colaboradores da construção educacional no prédio atual. Manteve-se o foco na alfabetização, na diversidade e na inclusão, com esta inclusão, sem fazer separação de normal e anormal<sup>5</sup>, a escola abraça os indivíduos daquela região conforme a necessidade de cada um (NETO, 2001). No primeiro momento de nossa observação, constatamos o seguinte: presenciamos as crianças no período recreativo e uma música que estava tocando em um tom bastante elevado. Vimos crianças correndo por todos os lugares possíveis, inclusive, por cadeiras e mesas, atos considerados inaceitáveis socialmente em outras escolas. Porém, nessa instituição observada, elas têm esta liberdade. No segundo momento, já observamos uma música mais lenta e com um volume mais baixo, as crianças pareciam mais calmas, estavam assentadas e o restante dirigia-se para as mesas. Percebemos que as professoras fizeram um sinal de silêncio e as crianças prontamente obedecera. Quanto à infraestrutura da escola, vimos que há nove salas de aula, sala de professores, sala de leitura, banheiro adequado à educação infantil, secretaria, despensa, pátio coberto, cozinha, almoxarifado, parque infantil, vias com aperfeiçoamento para mobilidade reduzida, quadra, refeitório, auditório, diretoria e banheiro com chuveiro. A equipe escolar é composta por 16 funcionários aptos a atenderem a demanda de ensino e aprendizagem da instituição. Constatamos também que há um projeto na escola denominado de “A escola dos sonhos”. O projeto constitui uma planta da escola idealizada por alunos/as, professores e pais dos estudantes, e está posto à vista de todos como um painel. O projeto não só foi idealizado, mas também desenhado como maquete ideológica para ser posto em prática a qualquer momento que surgir um financiamento. Nesta maquete, observamos que não há mais as salas de aula convencionais, mas sim, quiosques para os estudos. Há o ideal de implantar outras práticas de aprendizado, porém, os recursos da escola são limitados e alguns projetos, como os de capoeira, acabaram por falta de verbas. Assim, “A escola dos sonhos” será construída com a

---

<sup>5</sup> O conceito sobre “Normal e Anormal” relaciona a necessidade de uma política pública de identidade, a qual cada um tenha o direito de ser e estar onde quiser e necessitar (NETO, 2001).

ajuda que receber dos moradores e das doações. O ideal da estrutura da maquete é que os projetos são voltados para a comunidade na qual os/as alunos/as estão inseridos/as e assim a escola se volta para a comunidade. O retorno da metodologia utilizada na escola é materializado através da avaliação dos/as alunos/as. Esta avaliação é feita de forma dialética<sup>6</sup> (LAVOURA; MARTINS, 2017). Vimos que os/as alunos/as buscam superar o medo da fala, quando relatam o que aprenderam. Os interesses dos/as alunos/as são diversificados, por isso os projetos não são os mesmos, eles se reinventam a partir da dialogicidade<sup>7</sup> com os saberes dos/as alunos/as e isto contribui para a formação do indivíduo (FREIRE, 1987). Atualmente, o sistema de ensino da escola funciona de acordo com a curiosidade dos/as alunos/as, estes/as escolhem sobre o que querem aprender, exercitando assim a autonomia<sup>8</sup> da sua formação (FREIRE, 1996). O projeto é elaborado a partir de um tema solicitado pelo grupo de alunos/as e durante um período de dois ou seis meses, dependendo da complexidade, os/as alunos/as estudam a temática escolhida. Sobre a limpeza do local, os/as próprios/as alunos/as, semanalmente divididos/as em grupos, limpam a escola na sexta-feira. Segundo uma aluna, isto proporciona a oportunidade de eles aprenderem a ter responsabilidade. Ou seja, todos contribuem para o crescimento da escola. Ajudando a mantê-la aberta para uso próprio ou de outros estudantes. Também é alimentado as perspectivas dos/as alunos/as em relação ao seu próprio futuro. Miniprojetos de idealização ou projeção do que pretendem ser ou exercerem futuramente é incentivado no recinto. Esta metodologia é uma roda de engrenagem na formação do indivíduo, porque o leva a perceber que ele pode ser o que quiser, desde que invista em si e para si<sup>9</sup> (LAVOURA; MARTINS, 2017). Vimos que a escola é voltada para o método protagonista, ou seja, todos são autores: professores, alunos e direção. Semanalmente, os professores e a direção se reúnem para debater sobre as dificuldades encontradas. A objetividade da escola em relação ao protagonismo é uma ação interessante, porque permite que o ambiente não somente seja um leque de oportunidades, mas também pode ser comparado a uma rede, devido à esfera de conflitos dualistas. “Dessa maneira, a ação educativa na escola torna-se uma complexa rede de interações, lugares onde se estruturam processos de produção de conhecimento e de inter-relações entre dimensões políticas, culturais, institucionais e instrucionais” (TOSTA, 2011, p. 246). A sociabilidade administrada na escola em Bananeiras é de suma importância para a construção interativa entre os/as alunos/as e também na relação aluno-professor. Esta sociabilidade construída através do conceito da pedagogia da autonomia de Freire (1996) permite a visibilidade do eu e do outro entre os/as alunos/as na instituição, de forma que eles/as percebem que cada um é autor de sua própria história. Assim, confirmamos o que Tosta (2011) afirma quando diz que a educação ocorre por meio de um aprendizado dialético e não apenas como uma condição racional do ser humano. Analisar uma proposta antagônica à instituída pelas diretrizes mecânicas do sistema educacional Brasileiro é motivador. As salas de aula reproduzidas na forma padrão com paredes, carteiras, lousa e pincel para quadro branco, além do livro didático com ideias e um ensino padronizado e normatizado, podem ceder espaço para uma aprendizagem pautada em uma metodologia alternativa. E apostar nessa perspectiva pode mudar o modo como os nossos alunos aprendem. Defendemos que o uso de metodologias criativas e alternativas é sempre bem-vindo no recinto escolar. Porém, é preciso ter cautela quanto ao uso de metodologias que não permitem um ensino e aprendizado transversal (MORIN, 2012). Precisamos pensar em

---

<sup>6</sup> Conceito de voltado para a constante transformação marxista.

<sup>7</sup> Conceito que referencia a prática do ensino ligando a ciência e os saberes do indivíduo sem colocar nenhum sobre o outro.

<sup>8</sup> Conceito que idealiza o ensino através dos saberes dos indivíduos.

<sup>9</sup> Conceito de conscientização marxista.

uma proposta de ensino que não direcione o estudante para ser um mero trabalhador ou que o induza a ser um produtor que somente fomente o capitalismo. Ao utilizarmos o cotidiano dos/as alunos/as para absorver e disseminar conhecimentos, devemos atentar quanto aos processos civilizatórios que, por meio falácias pseudopolíticas, terminam moldando o indivíduo para ser cada vez mais produtivo socialmente, sem nenhum retorno (TOSTA, 2011). Assim, o modelo ideal de ensino a ser exercitado deveria ocorrer por meio de um olhar antropológico que permita fazer construções a partir de recortes que embasem a subjetividade do/a aluno/a. Promover o espaço homologado pela apropriação da família do indivíduo, faria o/a aluno/a ser notado/a, ser visto/a, ser reconhecido/a, evitando assim o aumento de “[...] repetência a exclusão na e da escola, as dificuldades cognitivas, as relações professor-aluno, os desafios da didática, disciplinamento, as relações de gênero e as preferências sexuais” (TOSTA, 2011, p. 247).

**Palavras-chave:** Educação recreativa, inclusão escolar, metodologia participativa.

## REFERÊNCIA

FREIRE, Paulo. A dialogicidade: essência da educação como prática da liberdade. In: FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 77-120.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996, p. 12-52.

LAVOURA, Tiago Nicola; MARTINS, Ligia Marcia. A dialética do ensino e aprendizagem na atividade pedagógica histórico-crítica. **Interface: comunicação, saúde e educação**. Botucatu, SP, 2017, p. 531-540.

MORIN, Edgar. Complexidade e o pensamento vivo. E o pensamento Complexo. **Revista do Instituto Humanistas Unisinos**. n. 402, Ano XII. São Leopoldo, RS, 2012, p. 25-28.

NETO, Alfredo Veiga. Incluir para excluir. **Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 105-118.

TOSTA, Sandra Pereira. Antropologia e educação: Interfaces em construção e as culturas na escola. IN: **Rvistainter-legere**, n. 9, Natal, PPGCS/CCHLA-UFRN, 2011. p. 234-252.